

# PAULINA: MENINA E MOÇA

Maria de Santa Cruz

"Onde está o meu pai, onde está a minha mãe?  
Ah, o meu pai e a minha mãe, deixei-os além,  
e estou a sofrer sozinha nos caminhos  
distantes".

Paulina Chiziane.

## Resumo

Paulina Chiziane é a primeira mulher moçambicana a escrever ficção e a primeira revelação feminina depois da independência de Moçambique. *Balada de amor ao vento*, novela ao jeito de Bernardim Ribeiro, é o seu livro de estréia. Dela se faz aqui uma leitura comparativista, não só com as novelas pastoris e as cantigas de amigo, mas com as fases duma história literária de língua portuguesa (incluindo o Romantismo brasileiro) - por que a escrita de Paulina se deixa atravessar. Ocupam-nos, sobretudo, as contribuições da oratura ou tradição oral moçambicana (em especial o equivalente às cantigas de escárnio e maldizer, chamadas *msaho*) e a sua transcontextualização que das duas culturas se vai fazendo nesta novela, que conta os trabalhos sofridos por uma mulher na procura de si mesma, ao transferir-se da sociedade rural tradicional para a comunidade urbana ocidentalizada.

## Abstract

Paulina Chiziane is the first woman from Mozambique to write fiction and the first feminine revelation after Mozambique's Independence. *Balada de amor ao vento*, a novel which model or hypotext is Bernardino Ribeiro, is her opening edition (Maputo, 1990). We make a comparative reading of this novel, not only with pastorel and middle age's "cantigas de amigo" as well as with the periods of the History of Literature in Portuguese Language, including the Brazilian Romantic period, along which Paulina's writing goes through. We get to be filled with contributions of mozambicane oral tradition (mainly the equivalent to mockery poems, called *msaho*), and with a mixture arising from both cultures, in this novel that tells us about the hard work and suffering of a woman in search for herself, when moving from a traditional country society to the western city community.

Como sempre que se trata de Moçambique, dizemos o que dificilmente será entendido pelos estranhos a um código restrito, porque se conta o que grande parte dos possíveis leitores desconhece.

Paulina Chiziane fala apenas do que fala e os limites não estão tanto na língua em que escreve, mas no que essa língua não pôde ainda exprimir. Acresce-se a dificuldade de falar do mundo interior da mulher ("Quem já viajou no mundo da mulher?"), desta mulher - Sarnau - que atravessa o mundo tradicional e o da civilização urbana e, dilacerada, em ambos luta por um lugar. Refugia-se no mundo da língua, exíguo para expressar esses três universos. E Paulina continua em demanda, hoje com seus 37 anos, desde 1984 contando seus contos, suas vidas, nas páginas literárias de *Domingo* e da revista *Tempo*.

"Tenho saudades do meu Save, das águas azul-esverdeadas do seu rio. Tenho saudades do verde canavial balançando ao vento, dos campos de mil cores em harmonia, das mangueiras, dos cajueiros e palmares sem fim. Quem me dera voltar aos matagais da minha infância, galgar as árvores centenárias como os gala-galas e comer frutas silvestres na frescura e liberdade da planície verde".

Este é o início do exórdio de *Balada de amor ao vento* de Paulina Chiziane<sup>1</sup>, moçambicana do interior de Gaza, desde muito cedo transplantada para a Mafalala, nos arredores da capital, trabalhadora e estudante de Lingüística na Universidade Eduardo Mondlane. Primeira mulher escritora depois da independência; primeira mulher de Moçambique a dedicar-se à ficção em prosa. Menina e Moça no trato de línguas e costumes.

Que destinatários? "Com certeza devem estar a imaginar-me tão bonita para ser esposa do futuro rei, como uma daquelas belezas que pululam por esta Mafalala de onde vos conto esta história. Devem julgar-me mulher de mãos suaves, rosto clarinho, cabelo desfrisado com vaselina e lábios vermelhos borradíssimos de *báton*. Digo-vos, porém, que cada mundo tem a sua beleza. (...)São mais belas as mãos calosas, os corpos que lutam ao lado do sol, do vento e da chuva para fazer da natureza o milagre de parir a felicidade e a fortuna".

Com quem dialoga esta novela? A dimensão da tragédia de um país não passará pela falta ou a ambigüidade dos destinatários da sua literatura?

Esta *Balada*... mistura harmoniosamente os lugares-comuns poéticos de cantigas de amor e de amigo, de Bernardim Ribeiro, de árcades pré-românticos dos dois lados do oceano Atlântico, do nacional-romantismo de brasileiros como Gonçalves Dias e José de Alencar.

"Ó ondas do mar, não viram o meu amor? (...) Por onde anda o meu amor?" "As águas do Save corriam tranqüilas". (...) "Dentro de nós floresceram prados".

Entenda-se por lugar-comum poético a expressão feita que se tornou uma segunda natureza para os nossos escritores. Uma língua quase esquecida dos que não freqüentam a tradição do texto escrito e a menos antiga tradição da fala e da escrita do português em Moçambique.

Na *Balada*...(que a língua inglesa traduzirá por *Blue* e em Moçambique talvez corresponda a *Msafo*)<sup>2</sup>, a surpresa da expressão é substituída pela de encontrarmos esses lugares-comuns descrevendo um outro contexto: num "rosário de recordações", "sentir a aproximação do fim"ou "o peito a queimar como vela acesa no mês de Maria". "O passado persegue-nos"...

Esse falar moçambicano, algo conservador na sua modernidade, continua a gerar alguns desentendimentos, muitos mal-entendidos. A condenação por falar português e por escrever bem português já vem de longe:

"... e o sipaio zombou de mim. 'Fala bem português e não tem documento? Dorme com a mulher de sipaio e não paga imposto? Amigo, sabe bem escrever, mas agora vai ver, saber escrever sem documento não é nada'. Levaram-me para uma sala escura, maltrataram-me e condenaram-me à deportação". (p.93).

Do desterro se fala, e do exílio em sua própria terra: "Que a terra é a mãe da natureza e tudo suporta para parir a vida. Como a mulher" (p.1).

Refrão que marca o ritmo final de alguns episódios, estribilho que só poderá deixar de excitar a emoção do leitor se ele for cego às evidências ou empedernido: "Eu morrerei em terras distantes do outro lado do mar".

Este vaticínio do nhamussoro, na sua repetida e assim diferenciada polissignificação, chega a parecer a voz oracular do coletivo em desespero.

[Não se confundam os leitores com o nhamussoro, nem com o facto de a novela de Paulina Chiziane dispensar Glossário. A palavra insere-se insidiosa noutros textos de Moçambique e não tardará a aparecer nos novos e inchados Dicionários de Língua Portuguesa: a palavra representa a ausência da coisa. Nhamussoro, para os não iniciados, era o homem que adivinhava por kufemba. E kufemba? - perguntarão aqueles cuja curiosidade é maior que o desprezo pelas outras línguas e culturas. Mistura preparada com as raízes secas de doze plantas, o fundo do ninho de um pássaro (em certas regiões, o *manghondza*) e o doce mel de *nhembjana*. A poção era guardada num recipiente apropriado, coberta com uma vara também especial com que se fustigavam os doentes para afugentar os maus espíritos. O nhamussoro saía das águas do rio, paramentado, na cabeça um *hari* de fios de missanga e raízes mágicas, e bebia muita água e a poção kufemba. Só então os fiéis o consultavam, no que era assessorado pelo *nhaúti*, o acólito que conversava com os visitantes, recolhia as oferendas e untava a pele dos doentes com unções de gona antes de os fustigar. Mas já aqui vai quase outra novela, só ao tentar explicar um simples vocábulo sem tradução: nhamussoro]. "A história, diz-nos a narradora - Sarnau, uma mulher -, é contada em estado de explosão furiosa tão igual à erupção de um vulcão" (p.10).

E o interessante e experimental percurso da narração vai, como já se disse, lembrando em paronomásia as cantigas de amor e as de amigo, a novela pastoril, a ingenuidade dos pastores árcades e um nacional-romantismo, momento crucial. Depois, o discurso vai perdendo a ingenuidade, chegando a um maior realismo e até a episódios ditos mais "neo-realistas", quase brutalmente: como se o percurso da narração acompanhasse (substituísse?) uma história da língua literária. Como se fragmentos dela se colassem num todo semântico superior. O bucólico e o mítico. Adão e Eva, Daphnes e Cloe, Ofélia tentando o esquecimento nas águas da lagoa... Personagens, sentimentos e emoções descritos em imagens, metáforas ou comparações com as forças da Natureza e a fauna e a flora locais, o lugar ameno ou o lugar da fúria dos elementos

e dos poderes. E essa deusa, a da Fertilidade, irrecusável à esperança.

E a língua da inocência perdendo-se, reafirmando uma segunda tentativa de ressurgimento da língua portuguesa, poética, nova porque primeira na escrita, ora primordial, sem tempo ou períodos rígidos e distâncias mensuráveis, sem o rápido e enganoso fulgor da grande novidade e/ou do grande exotismo<sup>3</sup>.

No entanto, conservam-se, na tentativa de transliteração das falas (nos diálogos) mais moçambicanismos, que nem sempre implicam mais "moçambicanidade". Das línguas bantu, o trivial: os gala-galas, os grãos de mapira, as capulanas, as missangas, o nhamussoro, um ou outro gingar, palavras onomatopaicas que o contexto, cuidadosa e indirectamente, se encarrega de esclarecer.

Como se houvesse (e não há?, já não será possível?) uma inocência da língua, um aprendizado dela através da literatura (tão distante se estará da fala...).

O ritmo, como já se deve ter adivinhado, é variável. Menos sedutor nos monólogos. Quando se narra na primeira pessoa, mais fluido e aparentemente mais espontâneo; tropeçando, por vezes, nos episódios escritos na terceira pessoa.

O que mais poderá interessar o leitor será a mistura e separação de duas culturas: a tradicional e a urbana, ocidentalizada. A personagem, por vezes narradora, sente por ambas, simultaneamente, atração e repúdio. E por ambas é, alternadamente, repudiada. Em ambas luta por uma terceira modalidade que inclua e preserve a sua "condição". Da síntese destes dois elementos heterogêneos se forma (formou/formará) uma *terceira hipótese cultural*. Aquela que tem demorado a ser plenamente aceite por um e por outro lado, o lado da primeira cultura (chamemos-lhe "materna", mais atávica) e o da segunda, aquela que se assimila e a que nos vamos acomodando - para os moradores, aquela com que se convive; para os naturais, as que foram chegando. Ou seja: o desejado sincretismo de mitos e ritos, de rural e urbano, de oriental, africano e ocidental.

Assim, desfilam as cerimônias da Igreja e a vida das missões e dos missionários (Mwando, namorado de Sarnau, freqüente a escola da missão, onde estuda para padre) a par dos ritos da circuncisão de Mwando, quando seu sangue se uniu ao de Nhambi, o grande amigo: a iniciação da moça; o oferecimento da jovem à sua protectora; o casamento cristão e o tradicional, precedido do lobolo; a anunciação do primeiro filho: "Há quarenta dias que não vejo a lua" (p.22).

Os rituais paralelos serão impuros porque ainda se não fundiram? Ou permanece em cada um a pureza que impede a fusão?

Os maiores obstáculos ao amor do par Sarnau-Mwando são, por ordem sintagmática, a moral cristã, que o fervor da juventude facilmente ultrapassa; a força da tradição familiar (Mwando casa com a mulher escolhida pelos pais defuntos e não com Sarnau, mãe de seu filho); e a monogamia a que o obriga, já não a tradição, mas o Cristianismo de que é devoto.

"... a serpente deu-me a maçã e o Adão está ansioso por trincá-la. (...) A maçã era ainda verde, por isso arrepiante. Trincamos um pouco e não me pareceu muito agradável: senti o doce amargo das pavidessas e polpa e, lá do meu fundo, escorreu um fio de sangue, que as águas do Save lavaram. Mwando deu o primeiro golpe. Os nossos sangues uniram-se. Neste momento os defuntos que estão no fundo do mar festejam, porque eu hoje sou mulher". (p.19)

"Alegrai-vos, cantai, espíritos dos Gulamba e Twalufo (...). Os antepassados sempre disseram: a mulher é a galinha que se cria para com ela presentear os visitantes. (...) Criamos a Sarnau com amor e sacrifício, os visitantes estão à porta e vêm buscá-la para sempre. Defuntos dos Guiamba e dos Twalufo, a vossa filha é hoje lobolada..."(p.27): ritual de despedida de solteira de Sarnau na sociedade tradicional, enunciado por sua avó materna.

Os conselhos das mais velhas não diferem muito dos de outras tradições, nem as exigências das multiplicadas sogras. Sem piedade:

"Conselhos loucos me furam os tímpanos e interrompem os meus sonhos, Sarnau ama o teu homem (...), a partir do momento em que te casas pertences a um só rei até o fim dos teus dias. (...) Não liguessas importância às amantes que tem: respeita as concubinas do teu senhor..."(p.33).

"As minhas quinze sogras são mais gordas que as porcas e mais preguiçosas do que elas, essas porcas inúteis a quem o vulgo considera sobrenaturais".

"Hoje é o dia de visitar a minha oitava sogra, pilar para ela, cozinhar para ela, lavar para ela, pois cada sogra tem de conhecer o sabor dos meus cozinhados e o aroma das roupas lavadas pelas minhas mãos". (p.39).

Crenças e ritos fúnebres: alegorias?

"O rei morreu de cócoras e de cócoras foi enterrado, com a lança de guerreiro à direita e o escudo à esquerda, pois se outra coisa fizessem não choveria..."(p.57); "Com a morte do rei vão-se os privilégios de uns e os favores de outros. Reacendem-se vinganças e dívidas antigas. Haverá ajustes de contas. Não era sem razão que os grandes do reino, em poses solenes, estavam serenos, absortos, distantes, sem uma lágrima nos olhos. Não era pela morte do chefe, não. Estavam a contas com a sua consciência, revolvendo o passado, os atos praticados, pois não é em nome do rei que se cometem violações, torturas, prisões, roubos e vinganças pessoais? (...) O filho herdeiro sempre

festeja a morte do pai". (p.580; "Um rei nunca morre só. O ministro principal do reino enforcou-se na noite do velório e especula-se por aí que foi para fugir da sua própria consciência, e uma das esposas, desgostosa, meteu fogo na palhota, morrendo calcinada com os três filhos". (p.60); "Ela morreu de joelhos, e de joelhos foi enterrada, com uma faca encravada na palma da mão direita, uma moeda de ouro e grãos de mapira na outra, pois se outra coisa fizessem não haveria paz para todos os seus descendentes". (p.61, morte da rainha).

Apesar de cumprido o respeito pelos mortos, a guerra sobrevem, depois de os melhores guerreiros terem acompanhado o rei na sua morte. E, com a guerra, as fomes de pão, de ternura e liberdade, o afastamento da terra, o abandono. E o amor fugidio como refrigério; a ilusão da grande cidade como refúgio. O adeus: "Entramos no barco e navegámos rápido com a velocidade da tempestade, e tudo ia ficando para trás: a minha terra, o meu rio, o meu vento, os meus filhos..." (p.81).

Consciência da transformação inevitável do homem no poder: "A galinha no poleiro caga despreocupada para as que estão em baixo ignorando que no próximo pôr-do-sol a situação pode inverter-se". (p.94).

E muitos provérbios. Alguns, do velho Livro com o mesmo nome; outros, amenizados pelo frescor da tradução: "O galo canta para a galinha cacarejar"(p.15); "A cobra deixa sempre rasto por onde passa"(p.16); "O lar é um pilão e a mulher o cereal"(p.35); "Não te rias dos dentes falhos do crocodilo antes de atravessares o rio..."

Das várias escravaturas, e anulando o tempo, uma visão sem auto-comiseração ou complacência:

"Os teus antepassados fremiam de dor, mas cantavam belas canções quando partiam para a escravatura. Os condenados sorriem quando caminham para o cadafalso mas choram quando são libertados. Sarnau, minha Sarnau, partes agora para a escravatura". (Lobolo e casamento, p.35); "O poder é como o vinho. No princípio confunde, transtorna, quase que amarga; pouco depois agrada, e no fim, embriaga". (p.36); "Homens e mulheres entravam no navio, cabisbaixos, com olhos vermelhos de tanto chorar, meio mortos de tanto se arrastar, enxotados pelos seus caçadores, enquanto o chicote silvava no ar, lambendo as costas esfarrapadas que se abriam em chagas sangrentas".(p.91); "Iam a caminho de Angola, terra de degredo, da cana, do cacau e do café. Alguns deles eram condenados por crimes graves; outros por caprichos sem fundamento e mais outros simplesmente porque eram negros". (p.92); "O escravo liberto torna-se tirano. O homem alcança as alturas cavalgando nos ombros dos outros". (p.93).

A aventura da Mulher prossegue, numa sucessão de transgressões discretas e críticas tão incisivas quanto mais

veladas, atingindo a auto-ironia. Forte e promissora, amadurecida, muito diversa da menina e moça das primeiras páginas amenas: "Nada me conseguirá matar. Nem as águas paradas da lagoa, nem as profundezas do Índico, nem o desejo dos feiticeiros, meu Deus, nunca mais serei fantasma. Eu queria tanto ser fantasma!" (Fala de Sarnau depois da tentativa falhada de suicídio, p.26.)

O *msaho*, na tradição oral, poema com acompanhamento de timbila(s), nunca se deixava seduzir pela improvisação, harmonizando palavras, música e dança, e ia denunciando e mimando as condições sociais injustas, criticando abusos de poder, ridicularizando a vaidade e a ociosidade. Comentava o procedimento de certas figuras da comunidade e investia contra as instituições e a dominância dos costumes dos colonos. Espécie de crônica da época, muitas das alusões só poderiam ser entendidas pelos membros da sua restrita sociedade. Também muitas destas cantigas, nem sempre de escárnio, choravam a morte de familiares, amigos e senhores menos injustos.

Qual a literatura que não é aculturada?

Repito: nesta novela (*msaho, blue...*) de Paulina Chiziane, rapsódica, diferenciando os ritmos e fazendo adivinhar o grão da voz individual dos corifeus, é como se houvesse (ainda será possível) uma inocência da língua, um aprendizado/ensino dela através da(s) literatura(s)<sup>4</sup>, a Literatura onde confluem as tradições várias e a sua variável aceitação e crítica implícita.

## Notas

1. CHIZIANE, Paulina. *Balada de amor ao vento*. Maputo: Associação de Escritores Moçambicanos, 1990. (117 pp.)
2. Pormenor: o *msaho* tradicional era atividade exclusivamente masculina. A discreta transgressão apenas começa.
3. Um exemplo: "desconseguir" só será novidade/"neologismo" para os utentes da língua portuguesa que nunca falaram/ouviram gente de Moçambique das últimas quatro gerações a tentar não "desconseguir" muito, desconseguindo quase sempre, cansados de tanto desconseguir... Só algumas das muitas exceções: João Godido não "desconseguia", Honwana e Carneiro Gonçalves não "desconseguiram", Mutimati esteve apenas prestes a desconseguir, José Craveirinha continua a não desconseguir nunca... E Paulina, nesta *balada*, também não "desconsegue"...
4. Refiro-me não só às literaturas de várias proveniências mas também à/às oratura(s). E ao ensino/aprendizado da língua em que se escreve/lê através da literatura (esta *Balada*, por exemplo).

Lisboa, junho de 1992.